

A CRÔNICA de Rubem Braga

13.8.59

DE PINTURA

232
NÃO há nada mais caceté do que jantar de *smoking* com lugar marcado na mesa, aquela espera ominosa entre um pratinho e outro, e discursos na sobremesa. Ainda por cima a comida quase sempre é ruim, ou vem fria, e por sinal que nesse jantar cerimonioso de terça-feira, no Country, a galinha era de pura borracha.

Não estou querendo me fazer de mártir de *black-tie*, mas se enfrentei essa emergência foi porque a homenageada era Niomar Moniz Sodré, e estou sempre em falta com ela. Quem não está sempre em falta com Niomar? Confesso que há dias em que, vendo-a em uma reunião, eu a evito discretamente, por mais agradável que seja a sua presença e admirável a sua elegância. É que se trata de uma pessoa maniaca. Ela só pensa no Museu de Arte Moderna e está crente que todo mundo tem que fazer sempre alguma coisa pelo Museu. O resultado é que o Rio terá breve, acabado, um dos melhores e mais belos museus do mundo. Fui lá outro dia ver a exposição de Milton Dacosta e fiquei francamente admirado com o que já está feito e o que se está fazendo. É bonito, é grande, é bom.

Mas que pintor é Milton Dacosta! Essa retrospectiva dá para a gente sentir as várias influências que ele sofreu e ao mesmo tempo a constância do seu jeito e do seu gosto pessoal. Será o caso de nos preocuparmos com dois de seus últimos trabalhos, em que na tela branca há apenas duas ou três linhas retas? Milton, não vá "depurar" muito a sua pintura, senão você acaba fazendo um quadro chamado "Tela" que é só a tela mesmo. Chega de brincar em serviço. Acho bom de, no lugar de fazer essas coisas, você pintar — o que sabe fazer tão bem. Deus não distribui com muita fartura êsse dom; e desprezá-lo, como você está fazendo, eu acho que é pecado. Jogue fora essa régua, pegue a sua paleta — e pinte.